



A CRÍTICA LITERÁRIA EM *IMAGO* DE CARLOS ALBERTO SUNIGA DOS SANTOS

*Rômulo Giácome de Oliveira Fernandes*¹

O regional sempre foi motivo de muito embate. Até hoje não é possível antever uma solução para este dilema teórico, uma vez que a crítica balizada anda “preguiçosa”, como afirmou Milena Magalhães, na abertura do 3º SILIC, Vilhena, 2012. No entanto, no diapasão entre as cores locais, o localismo geográfico e temático, para com a produção “na”, nascida aqui, consumida aqui e criticada aqui, celebro a tese de que o nosso circuito crítico ainda é muito deficitário, o que desfalece qualquer tentativa de produção artística local. O regional deve ser tratado também em toda a sua dimensão: público leitor, divulgação e distribuição, crítica, proliferação popular nas mídias, entre outras situações, que devem ser retroalimentadas. Somente assim podemos falar em evolução do regional para o universal, e romper barreiras naturais da leitura e produção de literatura em nosso Estado.

Nessa esteira de discussão, apresento Carlos Alberto Suniga dos Santos, poeta de Cacoal, ativista da literatura, militante da docência e artista plástico. A metodologia utilizada foi considerar mais a produção do que a análise. Divididos em três categorias, os poemas aglomeram-se por unidades temáticas.

1. Metapoema

Os poemas *Escriba*, *Imago* e *Palavra* possuem uma temática semelhante “[...] a linguagem e seu poder de estar sempre se transformando”,

¹ Professor da UNESC – Faculdades Integradas de Cacoal e doutorando em Teoria da Literatura no IBILCE/UNESP.



tendo como fator principal os códigos semióticos e sua capacidade de remontar formas, cores e sinais comunicativos:

Nas palavras há algo
como de ponta de arco-íris
que sempre se cumpre ligeiro
e distante do olhar perdido
(*Imago*, 2002)

A estrofe é um trecho retirado da obra *Imago*. No primeiro verso, o autor usa a palavra “palavra” para dizer que em todas elas ao serem pronunciadas há uma intencionalidade. E quando ele diz “como de ponta de arco-íris”, faz uma referência a um segredo que para se compreender é necessária uma análise, pois o “olhar perdido” não decifrará a beleza que se encontra por trás das palavras, ou seja, não basta ler com olhar de apreciação, mas como leitor crítico, à procura de decifrar cada significante.

Também é possível antevermos a “potência poética”, ou seja, o caráter ideal do sentido, o final do arco-íris que nunca será debastado ou ao menos visto; é o sentido final do texto, sua finalidade.

Neste contexto, o metapoema quer referenciar exatamente esse poder que a linguagem poética possui ao se modular à busca de despertar a curiosidade do leitor.

Todas as coisas são palavras
(*Palavra*, 2002)

O poema “Palavra”, afirma que em tudo que pensamos, fazemos ou respiramos, a linguagem se manifesta. Pois quando o autor diz “Todas as coisas são palavras”, afirma que o ser humano vive a todo o momento se comunicando; até mesmo quando respiramos, comunicamo-nos com a natureza. O ato de pensar dá-se por palavras:

Inverter a ordem,
Subverter o sentido.
Revelar aos olhos
Este som esquecido.
(*Escriba*, 2002)

Traduzimos uma inquietação dentro da performance do signo poético. Remontar, montar e sucumbir aos desígnios das possibilidades combinatórias dos referentes, bem como assinalar a potência da relação entre camadas significantes díspares, como imagem, som e texto.

Em suma, “Escriba” é um poema que retrata a linguagem literária, sendo que para “subverter o sentido” essa estrutura é bastante usada. A figura de estilo que melhor representa essa ideia é a metáfora, pois apropria-se de uma palavra dando-lhe um novo significado; como exemplo a palavra “flor” que pode significar apenas a planta como também uma bela mulher: “você é uma flor”.

2. Umidade

A obra *Imago* foi constituída por quarenta e cinco poemas. Dentre estes, podemos observar uma marca própria do autor Carlos Alberto Suniga. A presença frequente da palavra “umidade” ou de elementos semânticos que estão ligados a ela. A palavra está presente em oito poemas. O interessante a ser observado é que em grande parte dos poemas não há repetição de significado da palavra “umidade”, ou seja, em cada situação apresenta um novo sentido. É um desdobramento do úmido enquanto instrumento de comunicação.

A onda e sua úmida curva,
O vento em seu aéreo movimento
A terra no tremor do afastamento.
(Palavra, 2002)

Zumbido de luzes,
Escorrendo...
Líquidas aquarelas furtadas,
Rolar de faíscas úmidas
De diluídos brilhos,
De vozes caladas.
Correnteza, na leveza,
Desejada.
(Regato, 2002)



As caravelas de nuvens
em nossos olhos.
Eu e você,
sentado, lado a lado,
e cada um
num dos extremos do mundo.
Sempre a presença úmida
da traição inconfessada no beijo último.
(Distância, 2002)

Na estrofe “Sempre a presença úmida”, úmida já possui uma carga semântico diferente, pois não agrega o mesmo significado de água, mas de mistério.

E uma tristeza úmida em mim se enraizou
(Saudade, 2002)

Neste verso, quando o autor utiliza a palavra “úmida”, quer enfatizar o sentimento de tristeza, pois representa as lágrimas que foram derramadas em prol da pessoa amada. Esta designação literal pode ensejar novas formas de sentido, abrindo um leque interessante de proposições:

Não salvei, tão curtos meus dias,
de chuva, e de úmidas respostas,
as coisas mais simples e pequenas
que da vida se mostram despreziosas.
(Amanhã, 2002)

A palavra “úmidas”, nessa situação, aparece com um novo significado, pois o autor pretende enfatizar a ideia de vazio, pois “úmidas respostas” significam respostas frias, sem objetividade.

A manhã tem o silêncio úmido
dos desacordados suores da terra.
É como um olho desperto
depois de uma noite eterna.
(Manhã, 2002)

Nesse contexto a palavra “úmida” traz uma carga semântica que retrata um parecer do homem. Seu significado revela o cansaço do dia-a-dia e a falta de esperança, pois sua rotina não permite sonhar com um futuro.



São como que brilhos turvos,
Na noite enluarada,
Fagulhas de faíscas úmidas,
Rompendo a madrugada.
(As estrelas, 2002)

Nesse poema, a expressão “faíscas úmidas”, juntamente com os outros signos que compõem a estrofe, leva o leitor a visualizar o brilho das estrelas no céu.

Inscrita na base da forma, além da possibilidade visual, é aberta, na estrofe acima, uma possibilidade dimensional, em que o movimento das faíscas enseja a possibilidade do seco / molhado da entropia poética.

3. Ausência

A palavra “Ausência” se repete em nove poemas do livro *Imago*, seguindo a mesma estrutura de “umidade”, pois em cada poema “ausência” possui significados diferenciados. Vejamos a seguir:

Talvez tudo isso seja apenas
a chuva fina que cai.
Ou talvez essa tua ausência,
de uma distância tão presente
que me tem assim enevoadado
(Saudade)

A palavra “ausência”, nessa estrofe, não tem valor literal, pois, neste contexto, faz referência ao desprezo que uma pessoa está sentindo por não ter a atenção desejada.

Como se já não houvesse o amanhã...
existisse apenas uma ausente rota,
me perdi, vencidos tantos anos,
nessas horas escuras e mortas
(Amanhã, 2002)



No poema “Amanhã”, a palavra “ausente” mostra a dificuldade que as pessoas tem de alcançar seus objetivos. Nesse caso, “ausência” significa único, ou seja, existe apenas uma saída para solucionar o problema em questão.

E a vida que passava, distante,
escorria entre as nossas saudades.
Do futuro só as lembranças,
projetos ainda inacabados.
Do presente a ausência
cada vez mais forte, nossos temores,
e a certeza da distância dilatada.
(A partida, 2002)

Eles vêem o não visto
o quase ausente.
O que já fora antes,
E o amanhã do presente.
(Os olhos do menino cego, 2002)

O interessante, nesse poema, é que “ausência” tem valor literal. Nesse caso, o autor não usa a palavra metaforicamente, mas, sim, quando fala “o quase ausente”, quer referenciar como funciona a vida de uma pessoa cega, pois as pessoas não cegas veem apenas a dificuldade da situação de uma pessoa cega. Entretanto, embora o cego não veja como uma pessoa que possui a visão, seus outros quatro sentidos possuem uma capacidade admirável para suprir suas necessidades.

Há toda uma ausência nas palavras.
(Imago, 2002)

Em suma, a preocupação formal do texto, sua tessitura e estrutura, bem como o jogo tridimensional com formas e sons, perfazem traços típicos de um poeta astuto nos recursos, profundo na cosmovisão, atento às malícias / delícias da palavra, mas que as limita, traz para dentro de si, com medo de fugirem rumo à fugacidade da falsa poesia, irmã da retórica sustentada em pés de barro. Indispensável leitura.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. 21ª. Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

NORTEANDOS. **Entrevista com o autor. Carlos Suniga dos Santos**. Cacoal: UNESC, 2004.

SANTOS, Carlos Alberto Suniga dos. **Imago: e outros poemas**. 1ª Ed. Cacoal: D.press, 2002.